

Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa

Cyberactivism of Anti-fascist Supporters in the 2018 Elections:
A Quantitative Analysis

Nathalia Ronchete

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutoranda em História, Política e Bens Culturais, FGV/RJ
nathaliaronchete@gmail.com

RESUMO: Há algum tempo, a ascensão das torcidas antifascistas tem chamado atenção e sua atividade passou a fomentar os debates no âmbito da ação coletiva e da politização do futebol no Brasil. Um aspecto a se destacar sobre a atuação destas torcidas aponta para sua presença contínua nas redes sociais. Uma vez que elas instrumentalizam as mídias digitais para se comunicar politicamente com o restante de seus torcedores, torna-se possível afirmar que o ciberativismo integra – direta ou indiretamente – a estratégia de mobilização destes grupos. Em ciência disso, este artigo mostra como as torcidas antifascistas se utilizaram de mecanismos ciberativistas para fundamentar sua atuação política nas eleições de 2018. Para isso, foram observadas as postagens nas páginas do Facebook de algumas torcidas durante o período eleitoral. Objetiva-se identificar, através dessas publicações, como ocorreu a interseção com o público em cada página e revelar quais conteúdos se destacaram.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas Antifascistas; Ciberativismo; Facebook; Eleições.

ABSTRACT: Some time ago, the rise of anti-fascist supporters has drawn attention and their activity began to foster debates in the context of collective action and the politicization of football in Brazil. A point to be highlighted about the performance of these fans points to their continued presence on social networks. Once they instrumentalize digital media to communicate politically with the rest of their fans, it is possible to affirm that cyberactivism integrates – directly or indirectly – the strategy of mobilization of these groups. In science of this, this article shows how anti-fascist fans used cyberactivist mechanisms to support their political performance in the 2018 elections. For this, were observed the posts on the Facebook pages of some fans during the election period. The objective is to identify, through these publications, how the intersection occurred with the audience on each page and reveal which contents stood out in this relationship.

KEYWORDS: Anti-fascist Supporters; Cyberactivism; Facebook; Elections.

INTRODUÇÃO

Discutir as eleições de 2018 pela via da instrumentalização da Internet pode abranger diversas esferas da política. Isto se torna ainda mais categórico se pensarmos que as redes sociais, por muitas vezes, centralizaram as movimentações no período eleitoral de 2018.¹ Esta afirmação é guiada, também, pelas análises que dissertam a respeito do declínio da confiança nas grandes mídias, o que movimentou a esfera da formação da opinião pública e incitou as discussões sobre desinformação – fomentadas principalmente pelo fenômeno das chamadas *fake news* cujo epicentro são, justamente, as redes sociais.²

De maneira antagônica a esta faceta mais espinhosa, o manuseio das mídias sociais também serviu para que alguns atores que, porventura, viviam na interface da invisibilidade – ou mesmo dos estereótipos de despolitização – pudessem demonstrar sua força política de forma mais incisiva. Foi o que aconteceu com os coletivos de torcedores antifascistas.

As torcidas antifascistas – ou antifas, como são chamadas – se diferenciam de outras redes torcedoras convencionais em diversos aspectos. Uma das características que delimita esta distância está atrelada, exatamente, ao uso das redes sociais. Sem dúvida, a constância das antifas nas plataformas digitais é um dos fatores determinantes para traçar conclusões acerca de suas formas de organização e de demais atividades políticas.

Quando a ação política das torcidas antifascistas cruza as fronteiras da Internet, as premissas do ciberativismo podem ser consideradas no tratamento de suas estratégias de mobilização. Na medida em que o ciberativismo é definido como a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados ou mesmo como o uso da Internet para fins políticos,³ o argumento que destaca o uso de mecanismos ciberativistas por parte das antifas se torna mais consistente.

Levando em conta estas colocações, este artigo mostra como se deu a movimentação política de grupos de torcedores antifascistas durante o período

¹ PIMENTEL; TESSEROLI. *O Brasil vai às urnas: as campanhas para presidente na TV e na internet*, 2019.

² ANITA et al. *A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook*, 2019.

³ SILVEIRA. *Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo*, 2010.

eleitoral de 2018 através de sua atuação no Facebook. Mais especificamente, parte-se da análise das postagens emitidas nas páginas de torcidas antifascistas neste espaço de tempo para, assim, identificar suas diretrizes sociocomunicacionais e mostrar como de fato se materializou uma atividade política costurada na dinâmica ciberativista.

Para que o objetivo fosse alcançado, foram criadas algumas categorias de análise que corroboraram para melhor interpretação dos dados recolhidos. A partir do momento em que se tem uma proposta que envolve a comunicação política de um determinado grupo, é preciso alocar devidamente os conteúdos por ele transmitidos. Assim, as publicações redigidas nas páginas do Facebook das torcidas antifascistas foram categorizadas de acordo com a intenção por trás de cada mensagem. Este método ajudou a desmembrar de maneira mais clara quais os tópicos que, durante o período eleitoral de 2018, foram um motor para o ativismo das antifas.

Além de apresentar estas informações coletadas e ordenadas, este artigo também separa uma seção para abordar, brevemente, como a cultura torcedora antifascista brasileira pode coexistir com o aparato ciberativista. Este diálogo se faz indispensável para o entendimento da atividade dos torcedores das antifas em 2018.

TORCIDAS ANTIFASCISTAS: CONTEXTO DA AÇÃO CIBERATIVISTA

A análise do comportamento político de determinados atores depende, substancialmente, da ampla conjuntura na qual eles estão inseridos. Logo, discorrer sobre a atividade política das torcidas antifascistas nas eleições de 2018 passa, necessariamente, por todo um contexto sociopolítico mais abrangente. Neste sentido, os desdobramentos do próprio período eleitoral se tornam variáveis centrais.

Esta linha de raciocínio permite inserir a discussão das torcidas antifascistas em uma conjuntura política bem mais extensiva. E, deste modo, os debates envolvendo fascismo e neofascismo passam a compor a base explicativa da problemática. A nível mundial, a ascensão da extrema-direita intensificou alguns debates neste campo teórico, o que resultou em novas interpretações. Nos últimos anos, a eleição do ex-presidente estadunidense Donald Trump em 2016 e o

ressurgimento de movimentos supremacistas como Ku Klux Klan, são episódios pontuais capazes de ilustrar esta impulsiva.⁴

No cenário brasileiro, o bolsonarismo acompanha esta tendência – mesmo antes da eleição de Jair Bolsonaro – ao centralizar e polemizar reflexões sobre o fascismo. Paralelamente, o antifascismo também passou a integrar as abordagens políticas neste mesmo contexto. Nas eleições de 2018, a oposição à candidatura de Bolsonaro – que concorria pelo PSL e simbolizava a extrema-direita nas eleições – fomentou um levante antifascista no país, o que fez com que a ação política dos grupos tidos como antifascistas chamasse atenção naquele momento. Foi neste movimento que a manifestação das torcidas antifascistas pôde ser destacada.

No livro *Antifa: manual antifascista*, o autor Mark Bray⁵ traz uma leitura ponderada sobre o tema. Para ele, as movimentações sociopolíticas mais recentes fizeram com que os enfoques sobre fascismo alcançassem outros níveis. Bray acredita que o próprio termo “fascismo” vem se tornando uma espécie de significante moral. Nesta proposição, os grupos que lutam contra os mais diversos tipos de opressão o utilizam para enfatizar a bestialidade de seus inimigos políticos e dos elementos de continuidade que eles compartilham com o fascismo histórico.

Esta abordagem esbarra em uma premissa fundamental na dinâmica das torcidas antifascistas. Quando consideramos que, de modo geral, as fundamentações que edificam os coletivos como as antifas são apoiadas em prerrogativas da resistência – neste caso, dentro e fora do eixo futebolístico – este conceito tende a ser bastante razoável. Esta lógica ganha força quando analisamos a postura das torcidas antifascistas pela lente da ação conjunta de atores que estão em posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pelas estruturas dominantes. A partir daí, as convicções políticas opostas às que permeiam estas estruturas sociais dominantes fundamentam esse viés da resistência.⁶

É possível, portanto, afirmar que os coletivos de torcedores antifascistas tendem a adotar o fascismo enquanto significante moral, como fora proposto por

⁴ BRAY. *Antifa: manual antifascista*, 2017.

⁵ BRAY. *Antifa*, 2017.

⁶ SPAAIJ; VIÑAS. *Political Ideology and Activism in Football Fan Culture in Spain: A View from the Far Left*, 2013.

Bray.⁷ O antifascismo na instância destas torcidas atua como um elo que caracteriza uma ação política alinhada destes grupos. Não se pode dizer, entretanto, que as antifas têm seu corpo ideológico reduzido ao antagonismo ao fascismo somente. Mesmo que o antifascismo atue como uma bandeira que assegura uma simbologia unificadora para estes coletivos, é preciso se atentar para o fato de que as antifas se encontram livres para sinalizar autonomia ao adotar determinadas inclinações políticas dentro da própria conjuntura antifascista.

Ou seja, mesmo em meio a preferências políticas próprias de cada grupo, é possível afirmar que as torcidas antifascistas preservam um relativo alinhamento ideológico amarrado no antifascismo. E, ao defender este ponto de vista, assume-se que, baseadas em experiências vividas, elas convergem, majoritariamente, no que diz respeito a um corpo de ideias sistemáticas, além de planejarem uma (re)organização de determinados elementos sociais. Neste caso, esta agenda ideológica se dá, sobretudo, em resposta a uma normatividade política a ser desconstruída dentro e fora dos limites do futebol.⁸

Pode-se dizer que a cultura torcedora é indissociável da ideia de coletividade. Uma rede de torcedores atua como um canal que possibilita a junção do sentimentalismo de cada torcedor individualmente e amarra uma identidade coletiva.⁹ Essa coletividade é que irá sublinhar questões simbólicas-culturais ligadas ao processo de construção da identidade social do próprio torcedor enquanto fã de um time de futebol, moldando, assim, seu sentimento de identificação e pertencimento para com o restante de seu grupo.¹⁰

Sendo assim, discutir a atividade política das torcidas antifascistas a partir do *modus operandi* da ação coletiva é um caminho a ser seguido. Neste enredo, a dinâmica sociocomunicacional na esfera coletiva passa a ser determinante, uma vez que compreender sobre comunicação implica compreender como as sociedades se organizam.¹¹ Nos cenários políticos da atualidade, é fundamental que a utilização da Internet e suas ferramentas acompanhem estes debates.

⁷ BRAY. *Antifa*, 2017.

⁸ DJORDJEVIC; PEKIC. *Is there Space for the Left?*, 2018.

⁹ DAMATTA. *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol*, 1994.

¹⁰ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, 2010.

¹¹ CASTELLS. *Galáxia da internet*, 2003.

É imprescindível pensar os reordenamentos da ação coletiva frente à consolidação das tecnologias da informação como poder político. Isto significa que deve ser considerado o fato de que os movimentos sociais têm adaptado sua estratégia de mobilização à luz dos avanços digitais, já que isto faz com que o ativismo político na Internet, o ciberativismo, venha chamando atenção no que se refere às formas de organização sociocomunicacionais.

As definições de ciberativismo apontam para uma face do ativismo estruturada nas arquiteturas informativas da Internet onde se pretende, dentre outras coisas, a mobilização política ao se utilizar da multiplicidade comunicativa para promover participação.¹² Basicamente, quando existe uma utilização da Internet por movimentos politicamente motivados existem, enfim, ações ciberativistas.¹³

A manifestação política mediada pela Internet se torna mais atrativa quando são percebidas múltiplas possibilidades a ser exploradas para que atendam as demandas da ação coletiva. Por exemplo, além de uma fácil circulação e, eventualmente, adesão de espectadores em torno de uma causa,¹⁴ existe uma distribuição informacional fluida que supera barreiras convencionais de tempo e espaço, o que é crucial para os ciberativistas.¹⁵

Os sites de redes sociais atendem muito bem às propostas do ativismo on-line. Isto se dá na medida em que as redes oferecem dinâmicas de funcionamento que permitem publicar mensagens, compartilhar informações – podendo comentar ou não sobre esta mesma informação –, reproduzir publicações de terceiros, entre outros. A possibilidade de compartilhamento de informações dá a chance para que as pautas dos ciberativistas sejam difundidas e repassadas a outros usuários da rede, o que é um atributo central.¹⁶

¹² SCHAUN et al. Brazilian Scientific Production on Cyberactivism in the Communication Area from 2002 to 2012: A Preliminary Mapping, 2018.

¹³ SILVEIRA. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo, 2010.

¹⁴ MACHADO. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais, 2007.

¹⁵ GARCIA. Can Cyberactivism Effectuate Global Political Change? 2015.

¹⁶ AGGIO; REIS. Campanha eleitoral no Facebook: usos, configurações e o papel atribuído a esse site por três candidatos eleitos nas eleições municipais de 2012, 2013.

Ademais, a chance de executar estas ações e outras mais de forma amplamente desimpedida é de suma importância. Dentro do que propõe o ciberativismo, para um grupo ativista defender uma causa ou ideia e assim estender suas estratégias de mobilização, basta, então, estar conectado. A partir do momento em que esta conexão é instrumentalizada politicamente de acordo com a agenda destes ativistas, eles passam a assumir um papel na cidadania digital. E, neste sentido, a cidadania digital nada mais é do que a possibilidade de ampliação da cidadania tradicional ou mesmo a capacidade para participar na sociedade on-line.¹⁷ Faz parte da potencialização da esfera pública.

No meio futebolístico, esta autonomia proporcionada pelas tecnologias digitais concede aos torcedores mais uma via de expressão. Como fãs de um clube, os torcedores nutrem, naturalmente, a necessidade de participar de discussões ou mesmo decisões que envolvem seus respectivos times. Faz parte da passionalidade sobre a qual é edificado o pertencimento clubístico.¹⁸ No ciberespaço os torcedores se encontram livres para criar e participar de fóruns de expressão e, assim, alimentar uma ideia de participação.¹⁹

Para além da dimensão do futebol, as torcidas antifascistas seguem esta tendência. Sabe-se que, ao contrário do que acontece com outras redes torcedoras, as antifas não mantêm uma grande assiduidade nos estádios. Logo, a constância na esfera digital propicia a ampliação de suas capacidades de mobilização. Neste ponto, além de utilizar os mecanismos da Internet para alicerçar o elo clubístico, as torcidas antifascistas também cultivam o ciberespaço como um ambiente para manifestação política. Isto quer dizer que as antifas, através das funcionalidades oferecidas pelas plataformas digitais, conseguem defender uma agenda política de seu interesse e de acordo com uma determinada demanda. Nas eleições de 2018, por exemplo, isto se deu através de uma estratégia de mobilização que atendia aos rumos eleitorais em consonância com o juízo de valor de cada coletivo. Esta instrumentalização indicada ajuda a legitimar a capacidade de organização política destes grupos, o que,

¹⁷ MOSSBERGER et al. *Digital Citizenship: The Internet, Society and Participation*, 2008.

¹⁸ DAMO. *Futebol e estética*, 2001.

¹⁹ VIMIEIRO; MAIA. *Entre a esfera cultural e a esfera pública: comunidades online de torcedores e a politização do futebol*, 2017.

consequentemente, revela uma faceta ativista capaz de confrontar a ideia de despolitização que gira em torno das torcidas de futebol.²⁰

Nas eleições de 2018, o desenho das práticas ciberativistas por parte das torcidas antifascistas esteve muito nítido. Ao utilizar o Facebook as torcidas puderam escolher, a partir de suas orientações, quais seriam as mensagens repassadas a seus torcedores. Puderam usufruir desta autonomia para organizar suas publicações em temas que objetivavam dialogar com seus seguidores a partir dos próprios rumos do período eleitoral, oferecendo espaço a pontos de vista muitas vezes obscurecidos pelas estruturas informacionais dominantes.

Analisar o comportamento político das torcidas antifascistas no período eleitoral de 2018 no Facebook inclui apontar como a Internet ofereceu a possibilidade de expressão a grupos cuja representatividade não alcançaria grandes níveis sem o aparato tecnológico. Foi nesta perspectiva que as antifas emergiram nas movimentações políticas em 2018. Ao mesmo tempo em que desviaram do discurso da despolitização, utilizaram canais digitais para levantar debates políticos e difundir conteúdo de maneira autônoma.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para analisar as páginas do Facebook das torcidas antifascistas nas eleições 2018 foram necessárias algumas etapas. Foi preciso estabelecer quais seriam as torcidas e clubes que fariam parte do estudo, o marco temporal que a coleta de dados obedeceria, a criação de categorias de análises onde as postagens seriam alocadas para, assim, realizar o cruzamento das informações e formular gráficos e tabelas para, enfim, interpretá-los.

Com uma simples busca no Facebook é possível encontrar inúmeras torcidas que se encaixam no eixo antifascista. Para esta pesquisa, foi necessário delimitar um critério que oferecesse uma amostra cabível. Assim, foram selecionadas dez torcidas antifascistas de alguns dos clubes que fizeram parte da primeira divisão do campeonato brasileiro de 2018. As torcidas que compõem esta amostragem são

²⁰ VIMIEIRO; MAIA. Entre a esfera cultural e a esfera pública, 2017.

aquelas que possuem mais seguidores no Facebook em comparação às outras que representam um mesmo time, o que faz com que a relação se limite a uma torcida para cada clube. Este critério também foi aplicado para decidir quais times teriam suas torcidas relacionadas para o estudo.

Já o marco temporal da pesquisa compreendeu o dia 16 de agosto de 2018 – início do período eleitoral – até o dia 28 de outubro do mesmo ano – fim do segundo turno. Dentro deste espaço de tempo, as publicações de todas as páginas selecionadas foram coletadas manualmente com uma frequência semanal e revisitadas após o limite temporal indicado. Todo o material foi transcrito para uma planilha para que seu conteúdo fosse devidamente disposto. Para classificação das postagens em questão foram criadas algumas categorias de análise com base em outros estudos que utilizaram o Facebook como pano de fundo.²¹

Uma vez que a proposta é analisar o conteúdo digital produzido por torcidas de futebol, a presença de temáticas estritamente esportivas nas publicações coletadas era esperada. Logo, como ponto de partida, ficou estabelecido que as mídias analisadas dentro de cada postagem deveriam ser separadas em *políticas* e *não políticas*. As postagens não políticas foram desprezadas para que fossem analisadas somente as que continham algum teor político.

Logo após, as postagens políticas foram separadas de acordo com seu *objetivo*, ou seja, a intenção por trás do conteúdo reportado. Nesta separação, as publicações puderam ter seus respectivos objetivos classificados como: divulgação de notícias; endosso político; engajamento off-line; engajamento on-line; história; posicionamento; propagação de ideias ou propaganda negativa.

Em outra fase de classificação, as postagens foram, dentro de cada objetivo citado, separadas de acordo com o *tema* de seu conteúdo. Esta etapa foi imprescindível para afunilar as interpretações e saber quais são os assuntos que impulsionam, de fato, o ativismo das torcidas antifascistas. Levando em consideração o tema das postagens, tem-se as seguintes categorias de análises: #EleNão; antifascismo; apoio a Haddad; apoio a outro candidato de esquerda;

²¹ PENTEADO. Facebook e Campanha Eleitoral Digital, 2012. AGGIO; REIS. Campanha eleitoral no Facebook. ITUASSU et al. Internet, eleições e democracia: o uso das redes sociais digitais por Marcelo Freixo na campanha de 2012 para a Prefeitura do Rio de Janeiro, 2014.

ataque a Bolsonaro; ataque a apoiadores de Bolsonaro; ataque a outro candidato, ataque a mídia; debates ideológicos; defesa de minorias; eventos; informação de campanha; manifestação e política internacional.

Após a alocação de acordo com o objetivo e a tipologia das postagens, foi reservado um espaço para medir o grau de interação da audiência. Por isso, também foram registrados os números de curtidas, comentários e compartilhamentos de cada uma das postagens analisadas para que fosse feita uma *média de interação* entre as três modalidades. Essa mensuração é importante pois ajuda a identificar quais os assuntos que mais impactaram no interesse e respectivamente no engajamento dos receptores das mensagens emitidas.

PERFIS DA AÇÃO CIBERATIVISTA ANTIFASCISTA NAS ELEIÇÕES DE 2018

A tabela a seguir apresenta quais as torcidas antifascistas que constituem a seleção final do estudo. As torcidas estão elencadas juntamente com o time que representam. Não menos importante, o número de seguidores em suas respectivas páginas do Facebook é reportado pois ajuda a identificar a audiência que cada coletivo alcançava dentro do marco temporal da pesquisa.

Torcida	Time	Número de seguidores
Vascomunistas	Vasco da Gama	35.036
Flamengo Antifascista	Flamengo	27.601
Palmeiras Antifascista	Palmeiras	27.568
Botafogo Antifascista	Botafogo	22.618
Coletivo Democracia Corinthians	Corinthians	22.101
Inter Antifascista	Internacional	19.970
Grêmio Antifascista	Grêmio	19.628
Santos FC Antifascista	Santos	15.212
Galo Marx	Atlético Mineiro	5.568
Resistência Azul Popular	Cruzeiro	4.475

Tabela 1 - Relação de Torcidas Antifascistas, time e número de seguidores no Facebook. Fonte: Elaboração original.

Também é importante para este estudo apresentar o número de publicações emitidas por cada torcida relacionada. O volume de postagens possibilita ampliar as

interpretações e traçar conclusões mais diversificadas sobre a atuação das antifas. O gráfico abaixo ilustra este apontamento.

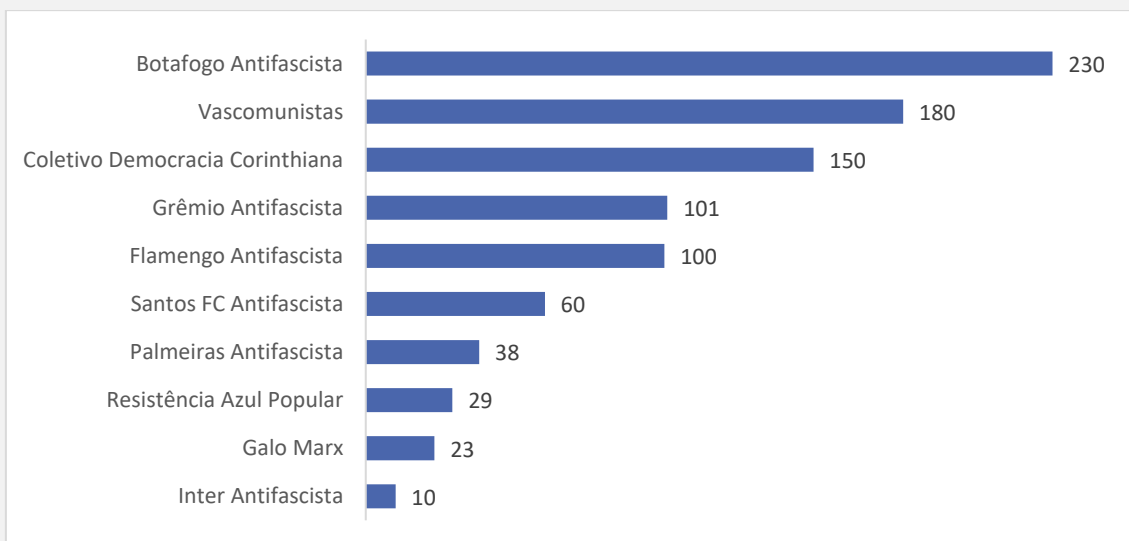


Gráfico 1 - Quantidade de postagens por torcida. Fonte: Elaboração original.

De acordo com o que se vê, apenas cinco torcidas publicaram no Facebook por 100 ou mais vezes durante o período de análise e suas postagens correspondem, juntas, a 82,6% de um total de 921 coletadas. O Botafogo Antifascista foi a torcida que mais publicou na rede social, enquanto a Inter Antifascista foi a torcida que menos a utilizou.

Os números do gráfico 1, entretanto, representam o total de postagens. Ou seja, a indicação diz respeito tanto às publicações de conteúdo político quanto aquelas que trataram de assuntos não políticos. Como previamente estabelecido, somente as postagens políticas seriam analisadas categoricamente. Logo, o gráfico 2 demonstra o percentual de postagens que continham mensagens de cunho político e quais não. É possível observar que as mensagens de caráter político foram ampla maioria.

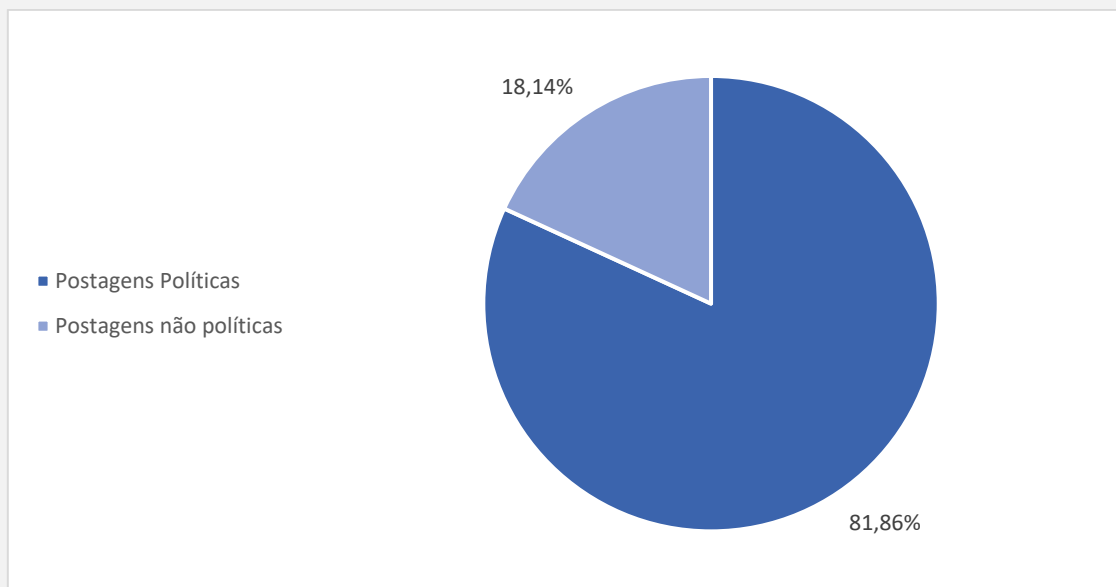


Gráfico 2 - Quantidade de postagens políticas e não políticas (%). Fonte: original.

Este gráfico engloba a soma das postagens feitas por todas as torcidas relacionadas. Dentre as antifas, somente o Santos FC Antifascista não obteve maioria de postagens políticas. Já o Palmeiras Antifascista demonstrou números bem equilibrados. Mesmo considerando os números menos expressivos no total de postagens, a Inter Antifascista foi a única torcida que se limitou somente a publicações políticas.

O percentual expressivo de publicações de cunho político corrobora para uma contra argumentação central quando se analisa a atividade de torcidas de futebol. Mesmo diante de todo o viés sociopolítico vinculado aos desdobramentos do futebol, os fenômenos que o envolvem enfrentam os reflexos do discurso da despolitização. Ora, quando se tem um quadro em que torcidas de futebol – e neste caso, mesmo as torcidas antifascistas – dedicam uma parcela expressiva de sua via comunicacional para tratar de assuntos políticos em um período eleitoral, isso ajuda não só a legitimar sua atividade política naquele momento, mas também auxilia na desconstrução de estigmas enraizados.

Como fora mencionado anteriormente, as postagens que não continham qualquer conteúdo político foram, neste segundo momento, descartadas. Deste modo, a análise prosseguiu com a observação das 754 publicações – de um total

inicial de 921 – com algum teor político. Isto permitiu, então, que estas postagens políticas fossem categorizadas de acordo com seus respectivos objetivos. O gráfico a seguir ilustra esta alocação.

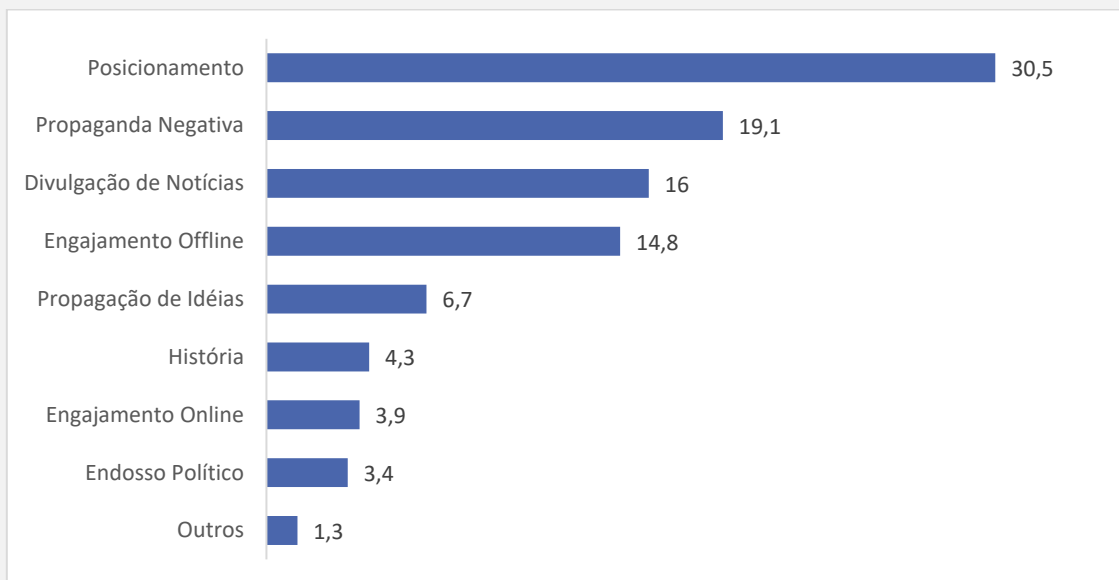


Gráfico 3 - Objetivo das postagens políticas (%). Fonte: original.

Dentre os objetivos, quatro deles ganharam maior atenção nas páginas das torcidas antifascistas somando, cada um, um número elevado de postagens que ultrapassou a marca de 100. Juntas, essas categorias somaram 80,4% do total de publicações. Por outro lado, é possível reparar que certas postagens não ocuparam o centro das atenções. Entre elas, aquelas cujo objetivo era o engajamento on-line.

Sobre os dados desta categoria em particular pode ser aberto um espaço para resgatar e estabelecer uma relação com uma importante premissa do ciberativismo. Mesmo quando se busca compreender o ativismo on-line das torcidas antifascistas, não quer dizer que toda a atividade destes grupos se restrinja ao ciberespaço. É necessário entender que o ciberativismo interliga os âmbitos on-line e off-line de maneira complementar.²² Ainda que as estratégias de mobilização da ação coletiva considerem novas formas de atuação política – neste caso, o uso das tecnologias digitais –, não significa que há uma renúncia do

²² ALMAZAN; GARCIA. Towards Cyberactivism 2.0? Understanding the Use of Social Media and other Information Technologies for Political Activism and Social Movements, 2014.

ativismo que acontece por vias tidas como tradicionais. Isto faz com que os números do gráfico anterior sejam compreensíveis.

Ademais, o percentual expressivo reportado na categoria engajamento off-line complementa esta linha argumentativa. Sem exceção, as torcidas listadas separaram espaço em suas páginas para tratar de um ativismo que perpassava os limites digitais. Toda vez que as antifas incitaram seus membros a participar de movimentações políticas que aconteciam fora da rede, elas fomentavam o que se chamou de engajamento off-line. Os chamados para participação nas manifestações de rua do movimento #EleNão, contra a candidatura de Bolsonaro, foram responsáveis por encorpar o percentual obtido.

Os números da categoria posicionamento também revelam informações sobre o comportamento das torcidas antifascistas. Uma vez que 30,5% das publicações objetivavam ostentar o posicionamento de determinada torcida sobre algo ou alguém, pode-se dizer que os coletivos antifas buscaram constantemente emitir opinião ou juízo de valor para sua audiência. Pode, até mesmo, ser montado um paralelo com a outra ponta da tabela. Se as postagens em que consta, de alguma forma, um posicionamento equivalem a 30,5% do total e as que reportam endosso político – que se refere a posição política de terceiros – correspondem a apenas 3,4%, é possível afirmar que as antifas atribuíram mais valor a emissão de uma opinião genuína do grupo, o que pode ser recebido como um fator discursivo que aproxima outros torcedores dentro da rede social.

Além de discorrer sobre o comportamento das torcidas antifascistas a partir do que objetivavam suas postagens, se faz necessário para análise final que seja igualmente avaliada a distribuição dos temas de cada publicação. Esta etapa possibilita que sejam traçadas interpretações mais assertivas sobre a motivação das torcidas antifascistas enquanto ciberativistas nas eleições de 2018. O gráfico 4 nos revela os dados para que façamos as primeiras considerações a partir da alocação temática das publicações.



Gráfico 4 - Tema das postagens políticas (%). Fonte: Original.

Sem maiores dificuldades, é possível afirmar que as torcidas antifascistas dedicaram boa parte de seu espaço de atuação para, dentro de cada objetivo, rejeitar a candidatura de Jair Bolsonaro. Os temas #EleNãO, ataque a Bolsonaro e ataque a apoiadores de Bolsonaro somaram 38,5% do total de postagens. Se considerarmos que dentro do tema manifestação houve uma quantidade significativa de publicações relacionadas aos atos de rua do movimento #EleNãO em 29 de setembro de 2018, a afirmação se torna ainda mais robusta.

O tema #EleNãO, que preencheu a maior quantidade de publicações, esteve presente em todas as páginas analisadas. Além desta adesão unânime, se pode chamar atenção para a intenção de atacar Bolsonaro, seus apoiadores ou mesmo outros candidatos que não centralizavam a disputa de 2018. O grande volume nestas categorias demonstra uma predisposição dos grupos em traçar uma estratégia ativista que esteja menos na defensiva.

Também é preciso olhar de maneira mais atenciosa para a porcentagem significativa das postagens que continham temáticas de defesa de minorias. Muitas das torcidas analisadas destacavam, em suas próprias descrições no Facebook, que o tema era um pilar de suas ideias. Algumas delas mencionavam explicitamente que

se colocavam contra os tipos de preconceito, ressaltando que combatem o fascismo, o machismo, a LGBTfobia, o racismo, a xenofobia, entre outros. Defesa de minoria é, com certeza, uma bandeira levantada pelos coletivos de torcedores antifascistas.

Os gráficos 3 e 4 transparecem que as torcidas antifascistas buscaram alinhar o objetivo e o tema das postagens de suas páginas ao passo em que caminhavam as eleições. Igualmente importante e de forma complementar a essas informações é ter uma noção primária de como a audiência recebeu as mensagens emitidas. Através dos mecanismos disponibilizados pela própria dinâmica de funcionamento do Facebook, podemos fazer mensurações deste tipo observando quantas vezes foram curtidas, comentadas e/ou compartilhadas todas as publicações. Tratemos disto um pouco mais a fundo com os próximos gráficos. O de número 5, logo abaixo, ilustra uma média das curtidas, comentários e compartilhamentos de cada publicação redigida no que tange ao seu objetivo.

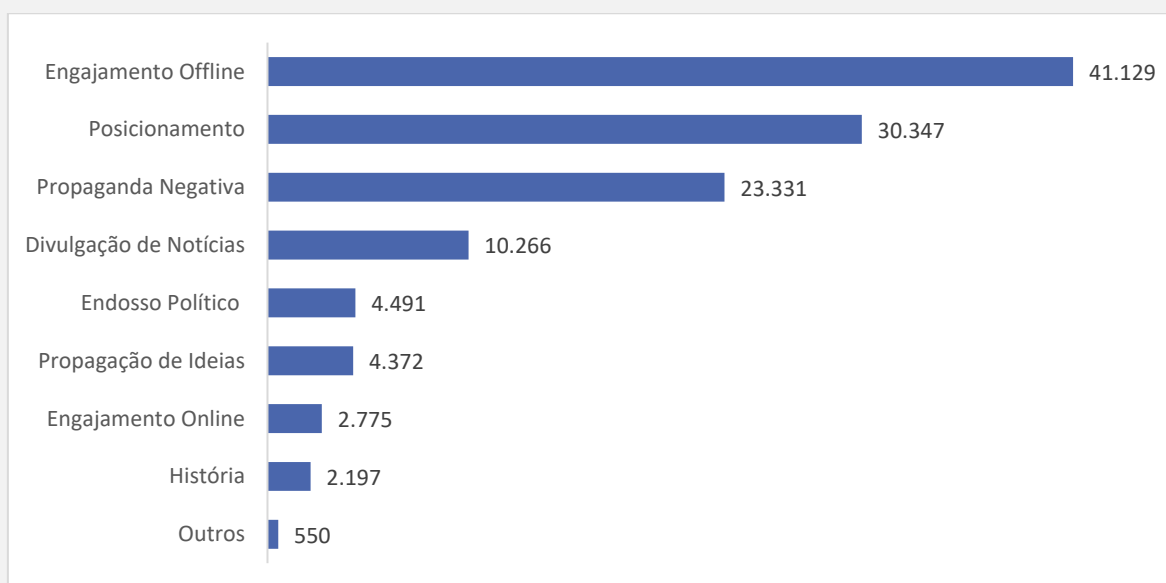


Gráfico 5 - Média de Interação de acordo com o objetivo da publicação.
Fonte: Elaboração própria da autora.

De modo geral, as publicações das torcidas alcançaram bom retorno para com seus espectadores. No entanto, revelar como se deu esta interação de acordo com o objetivo das mensagens ajuda a interpretar como é recebida a estratégia ativista desses grupos. Nesse sentido, acredita-se que a interação em certas

categorias tenha mais relevância do que em outras. Prova disto é que as torcidas dedicaram mais ou menos espaço para algumas delas, abrindo uma diferença acentuada em relação a frequência de postagens, como observado nos gráficos anteriores. Por exemplo, quando uma postagem tem como objetivo divulgar uma notícia, há, juntamente, uma intenção de fazer com que aquela informação alcance o maior número de espectadores possível. A média de interação nesta categoria foi equivalente a 10.266, o que permite especular sobre quantas foram as pessoas alcançadas com aquela publicação considerando a distribuição informacional propiciada pelo organograma do Facebook.

É válido dizer que as categorias referentes a engajamento, seja on-line ou off-line, também necessitam do maior número de interação possível para que a proposta obtenha êxito. Ora, uma vez que a maioria das mensagens separadas como engajamento off-line tratava de informativos sobre manifestações de rua, os altos números dentro da rede poderiam se materializar em atos de rua igualmente grandiosos. Pode-se dizer que se trata de uma categoria importante para medir o alinhamento do ativismo que transita dentro e fora da Internet. Como observado, as postagens sobre engajamento off-line conseguiram bons resultados, alcançando a maior média de interação.

Os dados sobre a média de interação de acordo com o tema das postagens também podem basear outras considerações. Para isso, tem-se gráfico 6, que permite dialogar com o 4. De acordo com o quarto gráfico, o tema que mais se repetiu foi a #EleNão. No que se refere à interação, esta temática obteve a segundo maior número. Mesmo que em publicações deste tipo os comentários utilizando a própria hashtag como forma de popularizá-la ainda mais fossem comuns, a média de interação foi igual a 27.200.

Em relação ao apoio aos candidatos, os seguidores das páginas responderam de forma menos eloquente. Ainda considerando que as postagens em apoio a Fernando Haddad se concentraram em um menor espaço de tempo – devido ao fato da presença do então candidato do PT no segundo turno –, foi notada uma baixa na interatividade desta categoria. Os dados das publicações que manifestavam apoio a outros candidatos foram ainda menores. Isto ajuda a adubar a hipótese de que os torcedores antifascistas demonstraram uma organização sociocomunicacional que

esteve menos na defensiva. Ou seja, indica que as antifas construíram uma estratégia de comunicação mais ofensiva naquele momento. Esta proposição ganha força quando se olha para a média de interação das postagens que buscavam, de alguma forma, atacar Bolsonaro ou mesmo outros candidatos distantes em uma percepção ideológica.

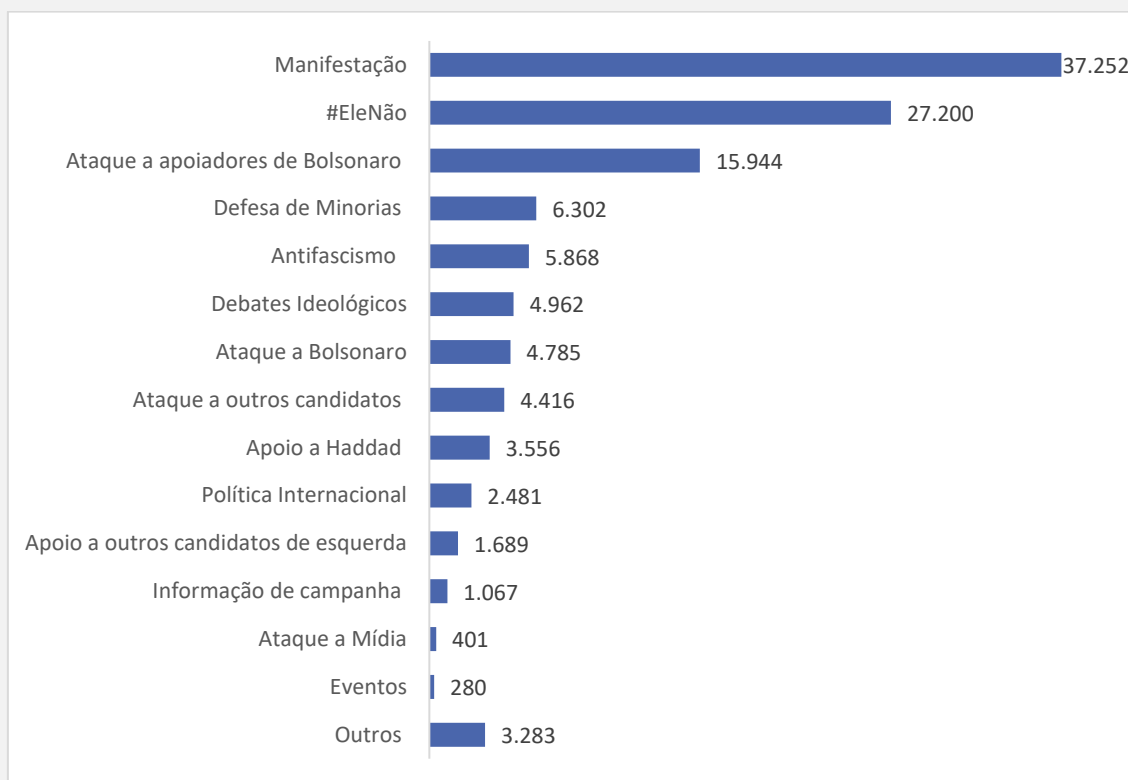


Gráfico 6 - Média de Interação de acordo com o tema da publicação.
Fonte: Elaboração própria da autora.

Os temas antifascismo e defesa de minorias também alcançaram uma boa média de interação. Isto se explica pois no momento da eleição de 2018, o ativismo antifascista esteve em ascensão. Logo, foi preciso debater o tema para ajudar a compreender e, por conseguinte, enraizar a atuação política desses nichos. Pode-se dizer que a crescente dos debates neste campo surtiu efeito. Se antes a movimentação das próprias torcidas antifascistas era menos comentada, depois de 2018 isto se modificou.

Já a resposta ao tema defesa de minorias está atrelada a dois motivos. O primeiro deles, é que para coletivos como as torcidas antifascistas, as questões identitárias são caras e captam simpatizantes com facilidade. Em segundo lugar, a

personificação da trajetória de Jair Bolsonaro esteve, muitas vezes, ligada a discursos de ódio proferidos contra minorias. Neste sentido, defender as bandeiras destes grupos significava, naquele momento, se posicionar contra a postura de Bolsonaro.

Esta última parte da análise dos dados ajuda a reforçar a ideia previamente apresentada de que as torcidas antifascistas, através das práticas ciberativistas, alinharam sua atividade política ao que demandava o período eleitoral. Mesmo sem deixar de lado o conteúdo esportivo que tanto corrobora para o fortalecimento do elo do grupo, as páginas das antifas obedeceram às etapas do processo eleitoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o ciberespaço se consolida como uma arena que amplia as capacidades políticas através da desenvoltura de novos caminhos para as estratégias de mobilização. O fato de que na Internet qualquer cidadão ou grupo de cidadãos pode assumir, concomitantemente, uma variedade de papéis – como cidadão, ativista, receptor e emissor de informações – ajuda a justificar a crescente influência das tecnologias digitais na responsabilidade política.

Se por um lado muito se tem discutido sobre as periculosidades do acesso informacional por conta dos desencadeamentos da desinformação facilitados pelas mídias digitais,²³ por outro, a possibilidade de uma comunicação livre e em larga escala solidifica a Internet como ferramenta de organização no âmbito da ação coletiva. Nos últimos anos, ela cedeu um espaço fundamental para que as demandas de atores que antes contornavam condições de inexpressão fossem expostas.²⁴

Ao observar de que maneira ocorre a instrumentalização da Internet por parte das torcidas antifascistas podemos apresentar, de imediato, duas constatações. A primeira delas chama atenção, justamente, para o potencial das práticas ativistas que passam pelas tecnologias digitais. Já a segunda, revela a capacidade organizacional das antifas, o que ajuda a legitimar sua atividade política e, também, a afastá-los dos estereótipos de despolitização.

²³ ANITA et al. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook, 2019.

²⁴ MACHADO. Ativismo em rede e conexões identitárias.

Ao analisar as páginas do Facebook destes coletivos nas eleições de 2018, nota-se que houve uma interseção efetiva entre torcida e torcedores. Em um período eleitoral, as postagens políticas conseguiram um apelo da audiência tanto quanto – e até mais – as postagens que envolviam temáticas puramente esportivas. A alta adesão ao diálogo político organizado pelas antifas refletiu nas movimentações fora da esfera digital. O comparecimento dos torcedores em protestos que aconteciam fora da rede serve como ilustração. O Facebook operou como uma ferramenta de organização para que as torcidas pudessem, enfim, compor atos como as manifestações de rua.

Esta importante movimentação política que transita entre o campo on-line e off-line ainda está no escopo da ação ciberativista. Ora, quando as torcidas antifascistas redigem postagens no Facebook convidando seus espectadores para integrar um determinado movimento que acontece fora do ciberespaço e o chamado é prontamente atendido, a ação política que acontece fora da rede legítima, consequentemente, aquela que foi gerada com o intermédio de uma plataforma digital. Durante o período eleitoral de 2018, foi possível verificar que vários membros das antifas frequentaram as manifestações que aconteciam no país, visto que nas páginas do Facebook destes coletivos eram reportadas imagens em que os membros apareciam nas manifestações em questão portando identificações – como faixas e camisetas – de seu respectivo grupo. No movimento #EleNão e em comícios de Fernando Haddad, a presença destas torcidas se destacou.

O engajamento político que acontecia exclusivamente na via on-line também foi de extrema importância para os torcedores antifascistas. Dentro da rede social puderam divulgar notícias, abaixo assinados, compartilhar fotos temáticas, promover o debate político com seus seguidores, entre outros. Todas essas ações alimentaram a veia ciberativista das antifas e ajudaram a edificar seu ativismo de modo geral.

As torcidas antifascistas puderam escolher – de acordo com o que demandou a última eleição – quais seriam as mensagens repassadas a seus torcedores. Posto de outra forma, puderam organizar suas publicações em temas que objetivavam dialogar com seus seguidores a partir dos rumos do período eleitoral, o que vai ao

encontro da ideia da distribuição informacional que oferece espaço a temas e pontos de vista que são, por muitas vezes, negligenciados pelos grandes canais midiáticos.²⁵

Neste episódio, a Internet ofereceu a possibilidade de expressão para grupos cuja representatividade não alcançaria, naturalmente, grandes proporções sem os adventos da tecnologia digital. Foi nesta perspectiva que as torcidas antifascistas puderam integrar o debate político nas eleições de 2018 com mais facilidade. Ao mesmo tempo em que contornaram a ideia de despolitização que ronda a figura do torcedor, utilizaram as redes sociais para propiciar debates políticos de maneira autônoma.

* * *

REFERÊNCIAS

- AGGIO, Camilo; REIS, Lucas. Campanha eleitoral no Facebook: usos, configurações e o papel atribuído a esse site por três candidatos eleitos nas eleições municipais de 2012. **Compólitica**, v. 2, n. 3, dez. 2013.
- ALMAZAN, Rodrigo Sandoval; GARCIA, Ramon Gil, Towards Cyberactivism 2.0? Understanding the Use of Social Media and other Information Technologies for Political activism and Social Movements. **Government Information Quarterly**, 2014.
- ANITA, Érica et al. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook. **Lumina**, v. 13, n. 3, 2019.
- BRAY, Mark. **Antifa**: manual antifascista. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol. **Revista USP**. São Paulo, v. 22, p.10-7, 1994.
- DAMO, Arlei. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.
- DJORDJEVIK, Ivan; PEKIC, Relja. Is there Space for the Left? **Soccer & Society**, v. 19, n. 3, p. 355-72, jun. 2018.

²⁵ GARCIA. Can Cyberactivism Effectuate Global Political Change? Academic Leadership Journal in Student Research, 2015.

GARCIA, Serena. Can Cyberactivism Effectuate Global Political Change? **Academic Leadership Journal in Student Research**, v. 3, 2015.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

ITUASSU, Arthur et al. Internet, eleições e democracia: o uso das redes sociais digitais por Marcelo Freixo na campanha de 2012 para a Prefeitura do Rio de Janeiro. **Revista Compólitica**, v. 2, n. 4, dez. 2014.

MACHADO, Jorge Alberto. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, n. 18, p. 248-85, dez. 2007.

MOSSBERGER et al. **Digital Citizenship: The Internet, Society and Participation**. London: MIT Press, 2008.

PENTEADO, Cláudio Luis de Camargo. Facebook e Campanha Eleitoral Digital, **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 41-53, 2012.

PIMENTEL, Pedro Chapaval; TESSEROLI, Ricardo. **O Brasil vai às urnas: as campanhas para presidente na TV e na internet**. Londrina: Syntagma, 2019.

SCHAUN, Angela et al. Brazilian Scientific Production on Cyberactivism in the Communication Area from 2002 to 2012: A Preliminary Mapping. **Journal of Latin American Communication Research**, p. 36-56, abr. 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 86, p. 28-37, ago. 2010.

SPAAIJ, Ramón; VIÑAS, Carles. Political Ideology and Activism in Football Fan Culture in Spain: A View from the Far Left. **Soccer & Society**, v. 14, n. 2, p. 183-200, mar. 2013.

VIMIEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rouseley. Entre a esfera cultural e a esfera pública: comunidades on-line de torcedores e a politização do futebol. **Compólitica**, 2017.

* * *

Recebido para publicação em: 19 abr. 2021.
Aprovado em: 17 out. 2021.